

CAMINHO

CAMINHO

mia couto

AS AREIAS DO IMPERADOR
uma trilogia moçambicana

LIVRO DOIS

CAMINHO A Espada e a Azagaia

Obras do autor:

Vozes Anoitecidas, 1.^a edição, 1987; 12.^a edição, 2014

Grande Prémio da Ficção Narrativa 1990

Cada Homem É Uma Raça, 1.^a edição, 1990;

12.^a edição, 2014

Cronicando, 1.^a edição, 1991; 10.^a edição, 2013

Prémio Anual de Jornalismo Areosa Pena 1989

Terra Sonâmbula, 1.^a edição, 1992; 13.^a edição, 2015

Prémio Nacional de Ficção da Associação de Escritores

Moçambicanos (AEMO) 1995

Considerado por um júri especialmente criado para o efeito pela Feira Internacional do Zimbabwe um dos doze melhores livros africanos do século xx

Estórias Abensonhadas, 1.^a edição, 1994; 12.^a edição, 2015

A Varanda do Frangipani, 1.^a edição, 1996; 8.^a edição, 2006

Contos do Nascer da Terra, 1.^a edição, 1997; 9.^a edição, 2015

Vinte e Zinco, 1.^a edição, 1999; 4.^a edição, 2014

Raiz de Orvalho e Outros Poemas, 1.^a edição, 1999;

6.^a edição, 2015

Mar Me Quer, 1.^a edição, 2000; 17.^a edição, 2015

O Último Voo do Flamingo, 1.^a edição, 2000; 9.^a edição, 2015

Prémio Mário António de ficção

Na Berma de Nenhuma Estrada e outros contos, 1.^a edição,

2001; 8.^a edição, 2015

O Gato e o Escuro, 1.^a edição, 2001; 8.^a edição, 2014

Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra,

1.^a edição, 2002; 6.^a edição, 2013

O Fio das Missangas, 1.^a edição, 2004; 7.^a edição, 2014

A Chuva Pasmada, 1.^a edição, 2004; 3.^a edição, 2015

Pensatempos. Textos de opinião, 1.^a edição, 2005;

3.^a edição, 2009

O Outro Pé da Sereia, 1.^a edição, 2006; 3.^a edição, 2013

idades cidades divindades, 1.^a edição, 2007; 2.^a edição, 2013

O Beijo da Palavrinha, 1.^a edição, 2008; 10.^a edição, 2015

Venenos de Deus, Remédios do Diabo, 1.^a edição, 2008;

8.^a edição, 2013

Interinvenções, 1.^a edição, 2009; 3.^a edição, 2013

Jesusalém, 1.^a edição, 2009; 10.^a edição, 2014

Pensageiro Frequente, 1.^a edição, 2010; 6.^a edição, 2015

Tradutor de Chuvas, 1.^a edição, 2011; 3.^a edição, 2015

A Confissão da Leoa, 1.^a edição, 2012; 9.^a edição, 2015

O Menino no Sapatinho, 1.^a edição, 2013; 2.^a edição, 2014

Vagas e Lumes, 1.^a edição, 2014; 2.^a edição, 2015

As Areias do Imperador. Livro Um – Mulheres de Cinza, 2015

As Areias do Imperador. Livro Dois – A Espada e a Azagaia, 2016

mia couto

AS AREIAS DO IMPERADOR
uma trilogia moçambicana

CAMINHO
LIVRO DOIS
A Espada e a Azagaia

CAMINHO

CAMINHO

Título: AS AREIAS DO IMPERADOR
Livro Dois. A Espada e a Azagaia

Autor: Mía Couto
© Editorial Caminho, 2016
Capa: Rui Garrido
Revisão de termos nas línguas indígenas
de Moçambique: Afonso Silva Dambile

Pré-impressão: Leya, SA
Impressão e acabamento: Multitipo
Tiragem: 20 000 exemplares
Data de impressão: setembro de 2016
Depósito legal n.º 414 399/16
ISBN: 978-972-21-2827-8

Editorial Caminho, SA
Uma editora do Grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
www.caminho.leya.com
www.leya.com

RESUMO DO PRIMEIRO VOLUME

A maior parte do sul da colónia portuguesa de Moçambique está, no final do século XIX, ocupada pelo Estado de Gaza. Em 1895, o governo colonial português lança uma ofensiva militar para afirmar o seu domínio absoluto na colónia então disputada por outras nações europeias. O rei do Estado de Gaza, nessa altura, é Ngungunyane (que os portugueses conhecem como Gungunhane).

Nesse contexto de guerra, o jovem sargento português Germano de Melo é enviado para ocupar um posto militar numa aldeia chamada Nkokolani, localizada no território da etnia Vaxopi (que os portugueses conhecem como chopes). Os Vaxopi são um povo ocupado e massacrado pelo domínio dos Vanguni e que estabeleceram, por esta razão, uma aliança de cooperação militar com as autoridades portuguesas.

No posto de Nkokolani, Germano apaixona-se por Imani, uma jovem Vaxopi educada pelos portugueses numa missão católica dirigida pelo sacerdote de origem goesa, Rudolfo Fernandes.

A guerra precipita uma série de eventos dramáticos na família de Imani — em poucos meses o irmão Dubula é morto, e a mãe enforca-se na árvore sagrada do seu quintal.

Sobrevivem o pai Katini Nsambe, que é músico, e Mwanatu, um rapaz com problemas mentais a quem, por compaixão, Germano atribui a guarda do seu posto militar.

Para vencer a solidão, o sargento Germano escreve uma série de cartas para o Conselheiro José d'Almeida e para o tenente Ayres de Ornelas. Uma amiga do sargento, a italiana Bianca Vanzini Marini, vem visitar Nkokolani. Dias depois um disparo atinge as mãos de Germano que se defendia de uma turba marchando sobre o quartel, à frente da qual se encontrava Mwanatu, o débil irmão de Imani. Imani, numa situação extrema, usa a arma para defender o irmão. O pai Katini, Imani, Bianca e Mwanatu transportam de urgência o sargento ferido para a margem do rio Inharrime, onde se localiza o único hospital da região que pode salvar o português.

CAMINHO

ÍNDICE

<i>Capítulo 1</i>	
Águas sombrias	15
<i>Capítulo 2</i>	
Primeira carta do tenente Ayres de Ornelas	29
<i>Capítulo 3</i>	
Uma igreja por baixo de outra igreja	37
<i>Capítulo 4</i>	
Primeira carta do sargento Germano de Melo	51
<i>Capítulo 5</i>	
Deuses que dançam	59
<i>Capítulo 6</i>	
Segunda carta do Tenente Ayres de Ornelas	69
<i>Capítulo 7</i>	
Os luminosos frutos da árvore noturna	81
<i>Capítulo 8</i>	
Terceira carta do tenente Ayres de Ornelas	91
<i>Capítulo 9</i>	
Uma idade sem tempo	97
<i>Capítulo 10</i>	
Segunda carta do sargento Germano de Melo	109
<i>Capítulo 11</i>	
O roubo da palavra de metal	117
<i>Capítulo 12</i>	
Terceira carta do sargento Germano de Melo	125
<i>Capítulo 13</i>	
Entre balas e setas	137
<i>Capítulo 14</i>	
Quarta carta do tenente Ayres de Ornelas	145

<i>Capítulo 15</i>	Mulheres-homens, maridos-esposas	153
<i>Capítulo 16</i>	Quinta carta do tenente Ayres de Ornelas	159
<i>Capítulo 17</i>	Quarta carta do sargento Germano de Melo	165
<i>Capítulo 18</i>	Uma missa sem verbo	173
<i>Capítulo 19</i>	Quinta carta do sargento Germano de Melo	187
<i>Capítulo 20</i>	As sombras errantes de Santiago da Mata	197
<i>Capítulo 21</i>	Sexta carta do sargento Germano de Melo	209
<i>Capítulo 22</i>	Um gafanhoto degolado	219
<i>Capítulo 23</i>	Sétima carta do sargento Germano de Melo	229
<i>Capítulo 24</i>	Uma lágrima, duas tristezas	235
<i>Capítulo 25</i>	Oitava carta do sargento Germano de Melo	243
<i>Capítulo 26</i>	Uma líquida sepultura	253
<i>Capítulo 27</i>	Nona carta do sargento Germano de Melo	263
<i>Capítulo 28</i>	O divino desencontro	275
<i>Capítulo 29</i>	Décima carta do sargento Germano de Melo	283
<i>Capítulo 30</i>	Sexta carta do tenente Ayres de Ornelas	293
<i>Capítulo 31</i>	Um hospital num mundo doente	299

<i>Capítulo 32</i>	Sétima carta do tenente Ayres de Ornelas	311
<i>Capítulo 33</i>	Maleitas imperiais	319
<i>Capítulo 34</i>	Décima primeira carta do sargento Germano de Melo	331
<i>Capítulo 35</i>	O abutre e as andorinhas	341
<i>Capítulo 36</i>	Décima segunda carta do sargento Germano de Melo	351
<i>Capítulo 37</i>	A noiva adiada	361
<i>Capítulo 38</i>	Oitava carta do tenente Ayres de Ornelas	373
<i>Capítulo 39</i>	Um telhado ruindo sobre o mundo	385
<i>Capítulo 40</i>	Décima terceira carta do sargento Germano de Melo	395
<i>Capítulo 41</i>	Quatro mulheres face ao fim do mundo	405
<i>Capítulo 42</i>	Décima quarta carta do sargento Germano de Melo	415
<i>Capítulo 43</i>	Tudo o que cabe num ventre	429
<i>Capítulo 44</i>	Décima quinta carta do sargento Germano de Melo	441
<i>Capítulo 45</i>	O rio derradeiro	449

CAMINHO

O imperador

Levaram-no para além do mar,
onde os corpos se igualam aos corais.
Assim se esqueceu
dos ossos que lhe pesavam.

Não pisou a praia
quando partiu.

Uma onda o devolverá, disseram.
Estremeceram uns, desamparados.
Outros suspiraram, aliviados.

Puseram-lhe sal no nome
para que cuspíssemos na sua memória.

Mas a saliva
ficou presa na garganta.

Naquele exilado
afastávamo-nos
de quem éramos.

Aquele morto
éramos nós.

E sem ele
nasceríamos
menos sós.

CAMINHO

PRINCIPAIS COMBATES TRAVADOS NO SUL DE MOÇAMBIQUE (1895-1897)



Fonte: António Pires, *Mouzinho de Albuquerque*, Lisboa, Prefácio Editora, 2003.

Capítulo 1

Águas sombrias

CAMINHO

Não direi
que o silêncio me sufoca e amordaça.

Calado estou, calado ficarei
pois que a língua que falo é de outra raça.

(José Saramago, «Poema de boca fechada»)

CAMINHO

CAMINHO

Tudo começa sempre com um adeus. Esta história principia por um desfecho: o da minha adolescência. Aos quinze anos, numa pequena canoa, eu deixava para trás a minha aldeia e o meu passado. Algo, porém, me dizia que, mais à frente, iria reencontrar antigas amarguras. A canoa afastava-me de Nkokolani mas trazia para mais perto os meus mortos.

Há dois dias que tínhamos saído de Nkokolani subindo até à nascente do rio em direção a Mandhlakazi, terra que os portugueses chamavam de Manjacaze. Viajávamos com o meu irmão Mwanatu à frente e o meu velho pai na popa. Na canoa seguiam, além dos meus familiares, o sargento Germano de Melo e a sua amiga italiana Bianca Vanzini.

Sem pausa, os remos golpeavam o rio. E tinha que ser assim: conduzíamos Germano de Melo ao único hospital em toda a região de Gaza. O sargento vira as mãos despedaçadas num acidente de que eu fora responsável. Disparara sobre ele para salvar Mwanatu que caminhava à frente de uma multidão prestes a assaltar o quartel defendido pelo solitário Germano.

Era imperioso apressarmo-nos para Mandlhakazi onde trabalhava o único médico em toda a nossa nação: o missionário Georges Liengme. Os protestantes suíços escolheram com critério um local para erguer o hospital: junto da corte do imperador Ngungunyane e longe das autoridades portuguesas.

O remorso pesou sobre mim durante toda a viagem. O tiro desfizera uma boa parte das mãos do português, aquelas mesmas mãos que eu, tantas vezes, ajudara a renascer dos delírios que o afligiam. Os másculos dedos com que tanto sonhara tinham-se evaporado.

Durante todo o caminho mantive os pés submersos no fundo encharcado da canoa, onde a água se havia tingido de vermelho. Diz-se que morremos por perder sangue. É o inverso. Morremos afogados nele.



O nosso barco progredia com o vagaroso silêncio de um indolente crocodilo. As águas

do Inharrime estavam tão imóveis que, por um momento, pareceu-me que não era a canoa, mas o próprio rio que flutuava. A esteira prateada que íamos deixando para trás serpenteava como um risco de água por entre as terras dos Vaxopi. Debrucei-me a espreitar os inquietos reflexos sobre a areia do leito, incansáveis borboletas de luz.

— *São as sombras da água*, disse o meu pai, pou-sando o remo sobre os ombros.

Repousava os braços nessa improvisada trave. O meu irmão Mwanatu mergulhou as mãos na água e, enrolando a língua, proferiu uma mistela de sons que traduzi assim:

— *Diz o mano que este rio se chama Nyadhimi. Os portugueses é que lhe mudaram o nome.*

O meu pai, Katini Nsambe, sorriu condescendente. Tinha outro entendimento. Os portugueses estavam, dizia ele, civilizando a nossa língua. Para além disso, não se podia pedir pureza a quem batiza as águas. Pois mesmo nós, os Vaxopi, vamos mudando de nome ao longo da vida. Sucedera comigo quando transitei de Layeluane para Imani. Para não falar do meu irmão Mwanatu, sobre o qual derramaram águas sagradas para o lavar dos seus três nomes anteriores. Três vezes o batizaram: na primeira nascença, com o «nome dos ossos», que o ligava aos antepassados; com o «nome da circuncisão», quando o sujeitaram aos ritos de iniciação; e com o «nome dos brancos», conferido à entrada da escola.

E voltou o meu pai ao assunto: tratando-se de um caudal de água, por que motivo nos custava

tanto aceitar a vontade dos portugueses? Para o rio Inharrime, concluiu, haviam inventado dois nomes porque duas águas corriam num mesmo leito. Revezam-se, por turnos, consoante as luzes: um rio diurno, outro noturno. E nunca fluíam juntos.

— *Foi sempre assim, cada um na sua vez. Agora, por causa da guerra, é que as águas se confundem.*



No local onde confluem o Inharrime e o Nhamuende existe uma pequena ilha coberta de árvores e rochedos. Ali fizemos paragem. Meu pai deu ordem para que abandonássemos o barco. Não esperei que a canoa tocasse a margem. Mergulhei nas águas tépidas, deixei que o rio me abraçasse e a corrente me arrastasse. Regressaram-me as palavras de Chikazi Makwakwa, minha falecida mãe:

— *Dentro de água sou ave.*

Diz-se dos mortos que são sepultados. Mas ninguém nunca lhes enterra a voz. Vivas se guardavam as palavras da minha mãe. Há poucos meses ela se tinha lançado de uma árvore, usando mais nada senão o próprio peso para se suicidar. Ficou pendendo de uma corda, baloiçando como um perpétuo coração noturno.

A ilha onde nos detivemos servia não apenas de paragem mas também de refúgio. À nossa volta a guerra fazia o mundo arder. Amparado na sua amiga italiana, Bianca, o português pediu um lugar à sombra. Disseram-lhe, delicadamente, que o sol

há muito se tinha escondido. Andou uns passos e tombou sobre os joelhos.

— *Foi ela que me matou*, gritou, apontando para mim. *Foi ela, essa puta*.

Poupasse forças, recomendaram-lhe. A italiana deu-lhe de beber e, com uma mão cheia de água, refrescou-lhe o rosto. Para minha surpresa, Bianca assumiu a minha defesa. Convictamente, argumentou: o malfadado projétil não tinha sido disparado por mim, mas pelos negros que assaltaram o quartel. O português manteve a acusação, inabalável: era eu a autora do crime, ele estava mesmo à minha frente. E a italiana ripostou: era verdade que eu havia disparado, mas o alvo tinha sido outro. E acrescentou: não fosse aquele tiro e o sargento já não constaria do mundo dos vivos, massacrado pela multidão em fúria.

— *Imani salvou-te. Deves estar-lhe grato*.

— *Melhor fora que me tivessem dado um segundo tiro, mais certo*.

E logo a fala se lhe entaramelou, a febre tomando conta da sua alma. Bianca ajudou a que ele se deitasse. Fez-me, depois, um sinal para que eu tomasse o seu lugar. Hesitei. Escutei a súplica, quase exangue, de Germano:

— *Venha, Imani. Venha aqui*.

Contrariada, obedeci enquanto Bianca se afastava. A ruidosa respiração do português calava o rumor do rio. Da minha sacola retirei um velho caderno que depositei no chão como almofada. Há muito que o sargento dispensava travesseiro.

Podia ser a sua velha e esfarelada Bíblia, podiam ser folhas arrancadas do caderno que usava para escrever. A verdade é que apenas um papel lhe acomodava o sono.

Desta feita, porém, rejeitou a improvisada almofada. Olhou-me com estranheza e resmungou, reclamando que não me queria perto. Quando fazia menção de me retirar, sacudiu violentamente os pés como fazem as crianças contrariadas. «*Fica comigo*», pediu. De novo acatei. E o homem apoiou a cabeça sobre as minhas pernas.

Imóvel, quase sem respirar, deixei que me contemplasse. Adivinhava os seus olhos febris pousando no meu peito, no pescoço, nos lábios. Até que balbuciou algo quase ininteligível:

— *Dá-me um beijo, Imani. Dá-me um beijo que eu quero morrer. Morrer na tua boca.*



Durante anos fora assim: em plena estiagem o meu avô semeava grãos de milho, em grupos de três, no solo ressequido e morto. A avó chamava-o à razão como se razão pudesse haver numa vida que é mais árida que o deserto. E o marido respondia:

— *É a chuva que estou a semear.*

Exímio tocador de marimba, o meu pai nunca se afeiçoou aos labores agrícolas. Agora, na pequena ilha em que repousávamos, os seus dedos faziam o que sempre fizeram: tamborilavam a areia como se em tudo visse sonantes teclas. Mas era uma música

feita apenas de silêncio, uma desesperada mensagem para alguém que, na margem do rio, soubesse escutar o chão.

Mas já ninguém escutava a terra: em toda a região, soldados de Portugal e de Ngungunyane preparavam-se para o embate final. Não era a vitória o que mais os motivava. Era o que se seguiria. O mágico desaparecimento dos que antes foram os inimigos, a retificação de um erro na obra divina. O meu avô plantava impossíveis sementes. O meu pai embalava com os dedos o sono dos que na terra dormem.

Essa era a triste ironia do nosso tempo: enquanto em desespero procurávamos salvar um soldado branco, a poucos quilómetros dali se instalara um matadouro para milhares de seres humanos. No cruzar desses cegos rancores, nós, os Vaxopi, éramos os mais vulneráveis. Ngungunyane tinha jurado exterminar os da nossa raça como se fôssemos bichos que Deus se arrependera de ter criado. Estávamos entregues à proteção dos portugueses mas esse amparo estava sujeito a temporários acordos entre Portugal e os Vanguni.

O sargento Germano de Melo era uma dessas criaturas que viera do outro lado do mundo para me proteger. Em menina eu acreditava que os anjos eram brancos e de olhos azuis. Aquela aguada coloração era para nós um sinal de que eram cegos. Recém-chegado a África, o padre Rudolfo era contido quando me respondia sobre o que sabia das criaturas celestiais.

— *Não conheço os anjos do lado de cá. Garantem que têm asas, mas só diz isso quem nunca os viu....*

De uma coisa eu estava segura: o meu anjo seria branco e de olhos azuis. Como este sargento que, anos depois, se apoiava no meu colo. Os panos em redor dos braços eram as suas asas rasgadas. Este era um mensageiro noturno. Apenas no escuro se lembrava da mensagem de que era portador. Esse recado divino dormia agora entre os seus lábios. Obedeci à sua súplica. E debrucei-me sobre a sua boca.



Mais desperto e menos queixoso, Germano saiu do entorpecimento para segredar ao meu ouvido:
— *Rasga as folhas do caderno e espalha-as à nossa volta. Vamos fazer uma cama.*

Lentamente, estraçalhei umas tantas páginas e, quando me preparava para as espalhar sobre o solo, suspendi o gesto, hesitante:

— *E onde vai escrever as cartas para os seus superiores?*

— *Não tenho nenhum superior. Sou o último soldado de um exército que nunca existiu.*

Era tudo uma invenção, a começar pelo quartel de Nkokolani. Até o meu irmão Mwanatu, com a sua farda falsa e a sua espingarda de imitação, era um militar mais real do que ele.

— *Acho que se esqueceram de si, tentei, como um consolo.*

— *Há muito que recebi ordens para regressar a Lourenço Marques.*

— *E por que não foi?*

— *Não estou em África porque se esqueceram de mim,* disse Germano. *Estou aqui porque me esqueci deles.*

— *Não entendo.*

— *Estou aqui por tua causa.*

Senti passos no capim. Procuravam por mim. E escutei meu pai a dispersar os seus companheiros:

— *Imani está a tratar do português, deixemo-los tranquilos.*

Vozes e risos foram-se afastando, esbatendo-se no escuro.

CAMINHO

Voltámos, enfim, ao barco onde éramos esperados. Fui repreendida pelo longo e ruidoso suspiro de Bianca. E partimos rumo a Sana Benene. Esse lugar, na margem do Inharrime, não era exatamente um povoado. Com o advento da guerra, dezenas de refugiados se instalaram ao redor da igreja que os portugueses há muito ali haviam edificado.

Na primeira curva do rio, um enorme susto por pouco não arruinou a nossa viagem. Em direção oposta, deslizando a favor da corrente, surgiu um monstro imenso e brilhante. A colossal criatura sulcava as águas, silenciosa e flamejante como um pedaço de sol. Lentamente se aproximou como

um metálico crocodilo ocupando-nos, primeiro, os olhos e, depois, a alma.

— *É o nɔwamulambu!*, segredou, aterrorizado, o nosso pai. *Ninguém fale, ninguém olhe de frente para ele.*

Aquela mítica criatura das águas não podia ser enfrentada sob o risco de nos secarem os olhos e definir o cérebro. O meu irmão benzeu-se, o meu pai foi remando com mil cuidados, evitando o mínimo ruído. Aquela deus dos rios que convoca os sismos e traz a chuva não podia ser perturbado. E pensei: os rios já foram nossos irmãos, costurando uma líquida teia que nos protegia. Agora aliaram-se aos nossos inimigos. E tornaram-se serpentes de água, tortuosos caminhos por onde viajavam anjos e demónios.

Aquele assombrado encontro foi breve. Dentro de mim, porém, perdurou uma premonição funesta. Felizmente ninguém podia notar a nossa presença: a canoa passava despercebida. O sargento viajava deitado na embarcação, a branca Bianca dormia oculta sob uma capulana. Visíveis, apenas nós, os três negros. Tranquelizei-me: para todos os efeitos éramos uma canoa de pescadores locais. Nada podia despertar suspeita, nada podia desarrumar os espíritos do rio.

Quando reabri os olhos, o *nɔwamulambu* tinha-se esbatido na neblina e voltámos a respirar. Bianca despertou a tempo de ainda o descortinar à distância. Ainda espreitou a ver se na amurada da estranha criatura fluvial se vislumbrava o carismático Mouzinho de Albuquerque. Mas a embarcação

dobrava a curva do rio e a italiana soltou uma gargalhada:

— *Um monstro, aquilo? Aquilo é um blocausse.*

O que tanto nos assustara não passava de uma dessas jangadas fortificadas que os portugueses usavam para sulcar os rios do Sul. Foi o que Bianca explicou. Essa construção apresentava-se assim brilhante porque era feita de chapas de zinco que assentavam sobre uma estrutura de madeira. Ali se protegiam os soldados brancos, evitando as emboscadas dos negros revoltosos. Ocultos na vegetação das margens, os guerreiros africanos alvejavam as lanchas. A espessa floresta era um território impenetrável para os portugueses. Apenas a gente local conhecia os atalhos no meio do lodo e das grandes raízes que, como uma construção às avessas, emergiam dos troncos. Esses caminhos abriam-se por vontade dos deuses e voltavam a fechar-se depois de cada emboscada.

Mais do que sulcar a superfície da água, a canoa foi rasgando um silêncio espesso. E apenas se escutavam, ao redor do sargento, as moscas, essas antecipadas carpideiras.

Foi então que vislumbrámos na margem um homem esbracejando. O pai hesitou em parar. Podia ser uma armadilha, naqueles tempos não se podia confiar em ninguém. O intruso continuou brandindo um envelope na mão enquanto gritava pelo nome do sargento Germano. Quando o abordámos identificou-se: era um mensageiro e vinha do quartel de Chicomo. E trazia aquele envelope para entregar a Germano de Melo.